

O desenvolvimento das *notae unitatis*: Luzes a partir de Gl 3,26-29 e Ef 4,1-6

The development of the notae unitatis: Lights from Gal 3,26-28 and Eph 4,1-6

Waldecir Gonzaga

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio) - Brasil

Doaldo Ferreira Belem

Faculdade Instituto Bíblico Ebenézer (FIBE) - Brasil

Resumo

As cartas aos Gálatas e aos Efésios, respectivamente, uma *protopaulina* e uma *deuterotapaulina*, pelos seus conteúdos e formas, têm sido objeto de vários estudos, especialmente no campo da liberdade e da universalidade da salvação. Trata-se de duas cartas do epistolário paulino bem aceitas pelas diversas tradições cristãs: por católicos, ortodoxos e protestantes. O presente artigo tem como objetivo analisar o tema do ecumenismo a partir de duas perícopes tomadas dessas cartas, Gl 3,26-29 e Ef 4,1-6, as quais abordam a universalidade da filiação divina pelo batismo e do Evangelho de Cristo, anunciado a todos sem distinção alguma, devendo ser causa de união e não de divisão, especialmente entre os que aceitam Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Para se atingir tal objetivo, o presente artigo apresenta dados sobre as cartas, considerando texto e contexto, e realiza uma exegese das duas perícopes aqui indicadas (Gl 3,26-29 e Ef 4,1-6). Ambas promovem o diálogo e a abertura para se traçar caminhos em conjunto, seja a partir do batismo, seja a partir do Evangelho. Elas abrem portas e janelas, constroem pontes e não muros, alargam horizontes e indicam caminhos de diálogo e respeito entre os filhos e filhas de Deus, e destes com os demais crentes e não crentes, em uma cooperação comum na promoção da vida humana, em prol da casa comum, do Reino. São como que partituras a indicar as notas musicais a serem executadas pela orquestra sinfônica, harmoniosamente, com seus muitos e variados instrumentos.

Palavras-chave

Paulo.
Ecumenismo.
Diversidade.
Unidade.
Cristo Jesus.

Abstract

The letters to the Galatians and to the Ephesians, respectively, one proto-Pauline and one deutero-Pauline, have been the subject of several studies due to their contents and forms, especially in the field of freedom and the universality of salvation. These are two letters from the Pauline epistolary that are well accepted by the various Christian traditions: by Catholics, Orthodox and Protestants. This article aims to analyze the theme of ecumenism based on two passages taken from these letters, Gal 3:26-29 and Eph 4:1-6, which address the universality of divine filiation through baptism and of the Gospel of Christ, proclaimed to all without any distinction, which should be a cause of unity and not division, especially among those who accept Jesus Christ as Lord and Savior. To achieve this objective, this article presents data on the letters, considering text and context, and performs an exegesis of the two passages indicated here (Gal 3:26-29 and Eph 4:1-6). Both promote dialogue and openness to charting paths together, whether through baptism or the Gospel. They open doors and windows, build bridges and not walls, broaden horizons and indicate paths of dialogue and respect between the sons and daughters of God, and between them and other believers and non-believers, in a common cooperation in the promotion of human life, for the sake of our common home, the Kingdom. They are like scores indicating the musical notes to be played harmoniously by the symphony orchestra, with its many and varied instruments.

Keywords

Paul.
Ecumenism.
Diversity.
Unity.
Christ Jesus.

Introdução

A unidade na Igreja tem sido uma questão controversa por muitos séculos, com a Igreja visível caracterizada pela desunião, fato este que tem se avolumado ao longo dos séculos, inclusive com grandes *cismas* e *autoexcomunhões*. Além das numerosas denominações, há também numerosas tradições teológicas diferentes; entretanto, apesar dessas diferenças teológicas, raciais, de gêneros, de orientações, de primeiras línguas e de histórias muito diferentes, no centro desta comunidade está a afirmação de que todos os cristãos têm “um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4,4-6) e formam um só corpo, pelo batismo (Gl 3,26-28; 1Cor 12,12-13) (Barnes, 2017, p. 11-12; De Beer, 2020, p. 1; Vanhoye, 2000, p. 99).

Paulo, trazendo toda a sua herança judaica e se convertendo a Cristo, indica aos seus evangelizados um caminho de diálogo e tolerância para com todos. Ele “elimina” as barreiras de divisão entre os povos, indica que o caminho não é o da separação por motivos de raça e tradições pessoais, mas o da unidade nos grandes temas. Sendo judeu de ventre materno, grego de local

de nascimento e romano de cidadania herdada do pai, Paulo tem as condições plurais para se abrir e indicar o diálogo como caminho. Neste sentido, ele indica que os cristãos, respeitando suas singularidades, devem trilhar caminhos comuns na construção da comunhão, que muito nos ajudaria no ecumenismo: o diálogo, o batismo, a fé, a caridade, a vocação à santidade, a Trindade, a unidade na diversidade, Cristo cabeça e Igreja corpo, a reconciliação e a paz etc (Cardoso, 2009, p. 245-257).

A beleza da pluralidade do cristianismo já se percebe desde seus escritos, pois são quatro os Evangelhos, indicando quatro olhares diferentes sobre o mesmo Senhor, seus passos, ensinamentos e milagres. Essa pluralidade também se percebe igualmente nos diferentes *corpora* bíblicos com toda a riqueza que cada autor do NT deixou por escrito, documentando o desenvolvimento da Igreja nascente e deixando um grande legado para a humanidade, com suas diferenças, erros e acertos. Prova disso é que, desde os tempos apostólicos, já se fez necessário a Assembleia de Jerusalém para se dirimir problemas de convivência na diferença, do caminhar juntos na mesma fé e no mesmo Senhor (At 15; Gl 2) (Lagrangre, 1926, p. 92).

Paulo abordou o tema da unidade dos cristãos em sua Carta aos Gálatas, uma carta *protopaulina* (Gonzaga, 2017, 21-22), considerada a *Magna Carta da Liberdade Cristã* (Bover, 1926, p. 44-59) ou ainda como *Manifesto do Cristianismo Paulino* (Burgos Nuñez, 2001, p. 201-228), por tratar-se de um escrito versado sobre a liberdade dos cristãos em relação ao abraçar a fé em Cristo (Pastor Ramos, 1977; Tenney, 1967). Foi escrita entre os anos 54-57 d.C. (Gonzaga, 2015, p. 18), desde Éfeso, enviada a diversas comunidades da Galácia do Norte, ou seja, aos gálatas étnicos (Vanni, 1995, p. 22), que enfrentavam problemas concretos, entre os quais se encontrava a unidade da comunidade na diversidade, que o cristianismo nascente já estava apresentando.

Um texto de Gálatas importante acerca do tema da unidade de todos em Cristo, sem distinção de raça, cor e sexo, é a perícopes de 3,26-29, que trata da universalidade da filiação divina e da igualdade de todos os filhos e filhas de Deus pela fé e pelo batismo, pois “em Cristo Jesus” são superadas todas as divisões (Buscemi, 2004, p. 349; Mussner, 1987, p. 406; Cousar, 2003, p. 109; Pohl, 1999, p. 132; Mussner, 1987, p. 406). Esta importância é ainda maior por

tratar-se de uma carta considerada unanimemente de autenticidade paulina (Gonzaga, 2017, 21-22).

Uma geração após, um discípulo da “escola paulina” aborda de maneira ainda mais apaixonada o tema da unidade, em Ef 4,1-6. Esse texto tem sido explorado em vários momentos da História da Igreja: o Credo Niceno-Constantinopolitano (381 d.C.), moldado pela teologia de Efésios, estabeleceu quatro critérios em sua afirmação da “santa Igreja católica e apostólica”. Assim como esses quatro critérios foram chamados de *notae ecclesiae*, as sete afirmações sobre a unidade de Ef 4,4-6 também poderiam ser chamadas de *notae unitatis*, sete marcas da unidade da igreja. Uma excelente base para se chegar à compreensão mútua entre os cristãos (Heckel, 2021, p. 568).

Já na época Patrística, o substantivo “ἐνότης/unidade”, de uso neotestamentário exclusivo em Ef 4,3.13, foi bastante explorado posteriormente por Inácio de Antioquia em suas cartas, insistindo na unidade como fator essencial para a Igreja: unidade interna (Inácio aos Efésios 4,2; 5,1); a unidade com Deus (Inácio aos Filadélfios 8,1; 9,1; Inácio aos Esmirniotas 12,2); uma unidade evidenciada na celebração comum da Eucaristia (Inácio aos Efésios 20,2)¹. Uma insistência nesse tema permitiu que Camelot (segundo Schnackenburg) o alcunhasse de “mestre da unidade” (Schnackengurb, 1991, p. 164). Nos albores da Reforma Protestante, Felipe Melanchton, preocupado em anunciar o princípio eclesiológico da unidade da Igreja, utilizou o texto de Ef 4,4-5 no Artigo VII da Confissão de Augsburgo (Heckel, 2021, p. 567).²

Apesar do forte apelo de Ef 4,1-6, Snodgrass (segundo De Beer) faz uma severa advertência: “difícilmente podemos usar Ef 4 como uma descrição da Igreja do século [XXI]” - e, embora a citação original diga respeito ao século XX, o atual século não melhorou a situação (De Beer, 2020, p. 3).

Gl 3,26-29 e a descendência abraâmica: todos filhos e filhas de Deus em Cristo Jesus

¹ Inácio utiliza o termo ἐνότης 11 vezes ao todos em suas cartas: aos Efésios 4,2[2x]; 5,1; 14,1; aos Filadélfios 2,2; 3,2; 5,2; 8,1; 9,1; aos Esmirniotas 12,2; a Policarpo 8,3.

² Conferir Artigo VII da Confissão de Augsburgo, LC 52-53. A sigla LC é utilizada para Brandenburg, 2023 - o número logo após a sigla indica a paginação.

No diálogo inter-religioso, as três religiões abraâmicas, as quais têm um livro sagrado e seguem pontos comuns e têm pontos específicos, são chamadas a viver segundo a filiação divina comum. Quanto mais na relação ecumênica entre os cristãos, que, além de reconhecerem em Abraão o pai na fé, reconhecem a Cristo como salvador, nele têm o batismo, a fé, a Ceia Eucarística etc. O texto de Gl 3,26-29 se apresenta como uma joia rara entre os vários textos paulinos que indicam a filiação comum a partir do batismo, indo além da questão de raça e fé (judeu e grego), abarcando igualmente a questão social (escravo e livre) e a questão de gênero (homem e mulher), abrindo caminhos para a universalidade do Evangelho a ser anunciado a todos indistintamente (Ferreira, 2027, p. 101-109; Mussner, 1987, p. 409), como a Boa Nova da solidariedade entre todos em Cristo Jesus (Gonzaga, 2017, p. 62-75). Segundo Lagrange, “estas diferenças não existem mais para aqueles que abraçam o caminho espiritual de seguidores de Cristo” (1926, p. 92)

²⁶Pois todos sois filhos de Deus por meio da fé em **Cristo Jesus**,

²⁷pois todos quantos, em **Cristo** fostes batizados, de **Cristo** vos vestistes.

²⁸ Não há judeu (οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος)	nem grego (οὐδὲ Ἕλλην),
não há escravo (οὐκ ἔνι δοῦλος)	nem livre (οὐδὲ ἐλεύθερος),
não há homem (οὐκ ἔνι ἄρσεν)	e mulher (καὶ θῆλυ);

Pois todos vós sois um em **Cristo Jesus**.

²⁹E se vós sois de **Cristo**, então de **Abraão** sois descendência, **herdeiros** segundo a promessa.

Fonte: Texto grego da NESTLE-ALAND²⁸, 2012; quadro e tradução dos autores.

Segundo Gonzaga (2021, p. 9-41), estruturalmente, a Carta aos Gálatas pode ser dividida em 3 seções e 15 sequências: A (Gl 1,1-2,21), B (Gl 3,1-4,31) e C (Gl 5,1-6,18). Na *Seção B*, encontra-se a perícopa Gl 3,26-29, que trata igualmente de todos os filhos e filhas de Deus, independentemente de raça,

situação social ou de gênero. Em toda a Carta aos Gálatas há argumentos que conduzem à liberdade e à unidade dos filhos e filhas de Deus em torno da fé em Cristo, independentemente de qualquer situação pessoal e/ou comunitária. Neste sentido, a carta constitui-se como uma pérola do caminho do diálogo em todos os campos, inclusive no ecumênico, pois abre portas e janelas, constrói pontes e não muros, estabelece pontos comuns e não permite endurecimento nas diferenças. Pelo contrário, valoriza as especificidades de cada um e vê a beleza da pluralidade na construção de caminhos de seguimento de Cristo, como uma riqueza de espiritualidades, aliás, muitas já presentes ao longo da bimilenar história do cristianismo. Assim como em Ef 2,11-16, também em Gl 3,28, Paulo procura eliminar “os muros de separação” entre os cristãos, visando a unidade dos que abraçaram a fé em Cristo (Meynet, 2012, p. 111).

Paulo, o “apóstolo e mestre dos gentios” (Rm 11,13; 1Tm 2,7) (Gonzaga; Lima, 2023, p. 29-76.), na Carta aos Gálatas, registra sua luta incansável pela defesa da “Verdade do Evangelho” e pela liberdade dos seguidores de Cristo em aderir à fé sem os condicionamentos da Lei Mosaica (Gonzaga, 2015, p. 57; Marín, 1979, p. 43-68), própria da tradição judaica e não de todos os povos, visto que o cristão, como uma “nova criatura” (Gl 6,14-16 e Ef 4,22-24), tem a liberdade (Gl 5,1) que o próprio Cristo lhe concedeu (Ramazzotti, 1958, p. 51-82; Quenam, 1981, p. 267-286).

Além dos cotidianos problemas que Paulo enfrenta na evangelização, nas comunidades da Galácia, ele tem que se confrontar com os chamados “opositores” ao Evangelho da igualdade dos filhos e filhas de Deus. Esses opositores, que se opõem fortemente ao anúncio do Evangelho sem os condicionamentos da lei mosaica, geram uma crise nas igrejas paulinas dessa região. Paulo os chama de “falsos irmãos” (Gl 2,4), de “perturbadores” dos fiéis (Gl 1,7; 5,10); indica que eles que causam divisão e sublevação (Gl 5,12), que procuram forçar os gálatas à circuncisão (Gl 6,12) etc. É neste contexto que Paulo tem que defender “a verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a igual filiação divina de todos os batizados (Guthrie, 1988, p. 138), sem a lei mosaica como *conditio sine qua non* para a salvação de todos os filhos e filhas de Deus, em Cristo Jesus, desenvolvendo seu pensamento, suas teses, argumentos e conclusões na defesa de que em Cristo não há diferença entre judeu e grego,

escravo e livre, homem e mulher (Gl 3,28); todos compartilham da mesma herança e linhagem de Abraão (Mussner, 1987, p. 412; Pérez Millos, 2013, p. 361), visto que todos pertencem à “filiação abraâmica” (Buscemi, 2004, p. 364).

Pode-se perceber que Paulo, em Gl 3,26-29, de fato, sintetiza toda sua argumentação em favor da universalidade da Salvação, indicando que não há distinção entre os batizados (Ferreira, 2005, p. 98): a fé é a mesma e não pode admitir divisões entre os batizados em Cristo Jesus. A filiação divina abre um movimento de diálogo, de entendimento e de unidade, e não de divisão e separações. Neste sentido, o texto de Gl 3,26-29, realmente, apresenta-se como uma pérola e um tesouro para o ecumenismo entre os cristãos. Aliás, é possível dizer que vai além, pois abre um vasto campo para o diálogo inter-religioso, de pontos comuns, como a reconciliação e a paz.

Para Paulo, pelo batismo, os batizados são revestidos de Cristo (Gl 3,27) e, pela fé em Cristo Jesus, dá-se a abertura para a grande liberdade e igualdade dos filhos e filhas e Deus (Bruce, 1982, p. 255-258; Pohl, 1999, p. 132-135), nos grandes ideais e valores que o Senhor transmitiu, respeitando a pluralidade entre os evangelizados e promovendo a unidade do corpo da Igreja, a exemplo da unidade da Trindade. É neste sentido que Paulo, em Gl 3,28, o cume da perícopre Gl 3,26-29, anuncia que em Cristo,

Não há judeu (οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος)	nem grego (οὐδὲ Ἕλληγν),
não há escravo (οὐκ ἔνι δοῦλος)	nem livre (οὐδὲ ἐλεύθερος),
não há homem (οὐκ ἔνι ἄρσεν)	e mulher (καὶ θῆλυ).

Este anúncio deve ter provocado uma reviravolta na maneira de pensar e agir dos evangelizados, inclusive para Paulo, que, nas demais cartas, não o faz de forma tão clara como em Gálatas. As demais ocorrências da mesma afirmação, ainda que não com a mesma intensidade, igualmente colocam a unidade na filiação divina e no batismo, focando mais não questão religiosa-racial-social, enquanto Gl 3,28 se abre também para a questão de gênero. Por exemplo, Rm 10,12 menciona apenas uma dupla “judeu e grego”; 1Cor 12,13 menciona duas duplas” (judeus e gregos, escravos e livres”); Cl 3,11 menciona uma sequência de duplas: “grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e

cita, escravo e livre” (Pitta, 1996, p. 225). Em todos os casos, diante de situações de divisão, Paulo conclama à unidade do corpo em Cristo Jesus, procurando superar as diferenças, no sentido de viver a unidade na pluralidade. As “diferenças” de qualquer tipo não podem estar acima da riqueza e beleza do batismo e da fé no mesmo e único Senhor (Pérez Millos, 2013, p. 357).

Em Gl 3,28, Paulo começa por indicar, no primeiro grupo “judeu e grego” (οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος οὐδὲ Ἕλληνας), algo comum em todas as demais ocorrências e demais cartas, que deve haver “abertura de fronteiras na esfera racial” (Ferreira, 2005, p. 103; ainda Légasse, 2000, p. 278; Cousar, 2003, p. 111; Bruce, 1982, p. 258; Vanhoye, 2000, p. 99; Buscemi, 2004, p. 356; Corsani, 1990, p. 244), o que tem suas implicações religiosas e culturais. Não se trata, em primeiro lugar, de questão cultural e sim religiosa, por isso mesmo é que ele, em todas as ocorrências, cita por primeiro o “judeu” e depois os demais, indicando as diferenças e, sobretudo, a necessidade do diálogo e da unidade do corpo de Cristo a partir de valores básicos, como o batismo e a fé comum, visto que esses pontos indicam a “veste comum”: Cristo Jesus (Légasse, 2000, p. 277; Schlier, 1999, p. 201). Da mesma forma podemos dizer que o “grego” não diz respeito a uma questão racial e sim uma indicação do “étnico-pagão”, referindo-se a todos os estrangeiros, ou negativamente falando, a todos os “não-judeus”.

No segundo grupo, “escravo e livre” (οὐκ ἔνι δούλος οὐδὲ ἐλεύθερος), indo além do plano religioso-social, Paulo indica que, entre os cristãos, é preciso ter “abertura de fronteiras na esfera racial (com implicações civis, políticas e econômicas)” (Ferreira, 2005, p. 108; ainda Légasse, 2000, p. 279; Cousar, 2003, p. 112; Bruce, 1982, p. 260; Vanhoye, 2000, p. 100; Buscemi, 2004, p. 358; Corsani, 1990, p. 244). Paulo não se pauta pela dupla “escravo e senhor” e sim por “escravo e livre”, pois quer indicar a fraternidade universal de todos os membros do corpo de Cristo, estejam onde estiverem e em qualquer situação que se encontrem, distinção esta muito importante na organização greco-romana, com forte peso na questão da escravidão.

No terceiro grupo, “homem e mulher” (οὐκ ἔνι ἄρσεν καὶ θῆλυ), Paulo indica a terceira dimensão a ser valorizada na vida comum dos filhos e filhas de Deus: “abertura de fronteira na esfera sexual” (Ferreira, 2005, p. 115; ainda

Légasse, 2000, p. 283; Cousar, 2003, p. 113; Bruce, 1982, p. 261; Vanhoye, 2000, p. 101; Buscemi, 2004, p. 360; Corsani, 1990, p. 244). Esta dimensão, como indicado antes, não se encontra nos demais textos do epistolário paulino (Rm 10,12; 1Cor 12,13; Col 3,11) (PITTA, 1996, p. 224-230; CORSANI, 1990, p. 242-243), sendo uma novidade de Gl 3,28. Isso não significa que as três categorias estejam ausentes nas cartas paulinas; pelo contrário, elas estão agrupadas ao longo de vários de seus textos, como é o caso de 1Cor 7,7-28 (circunciso e incircunciso, escravo e livre, esposado e não esposado), em que “o tema principal é o da vida sexual” (FERREIRA, 2005, p. 115).

Toda a riqueza do v.28, com suas “três duplas”, pode ser percebida na unidade da perícopre Gl 3,26-29, a qual é indicada pelos seus extremos, os v.26 e 29, que emolduram o texto realçando que todos os batizados em Cristo Jesus (Guthrie, 1988, p. 139; Vanhoye, 2000, p. 103; Meynet, 2012, p. 111), independentemente de qual realidade venham ou pertençam, são filhos e filhas de Deus, título dados igualmente “aos cristãos” (Légasse, 2000, p. 271). Isso se evidencia pela passagem do pronome de terceira pessoa plural (v.25) para o de segunda plural, no v.26, sendo levado até o v. 29 (Cousar, 2003, p. 109; Corsani, 1990, p. 235).

²⁶Pois todos sois filhos de **Deus** por meio da fé em **Cristo Jesus**,

²⁷pois todos quantos, em **Cristo** fostes batizados, de **Cristo** vos vestistes.

(A tríade de duplas (v.28): judeu e grego, escravo e livre, homem e mulher)

Pois todos vós sois um em **Cristo Jesus**.

²⁹E se vós sois de **Cristo**, então de **Abraão** sois descendência, **herdeiros** segundo a promessa.

A estrutura do texto não deixa dúvidas de que a intenção paulina se volta para a unidade do Corpo de Cristo, Cabeça da Igreja (Ef 4,15), a partir de sua plural realidade. Ninguém precisa, e muito menos deve, ser sufocado; pelo contrário, no Corpo de Cristo, a Igreja (1Cor 13 e Cl 2), todos os filhos e filhas

são herdeiros e herdeiras da mesma descendência abraâmica (Lémonon, 2008, p. 144; Lagrange, 1926, p. 93; Pérez Millos, 2013, p. 352), o que de fato amplia o leque para ir além do ecumenismo e avançar para o diálogo inter-religioso. Esta abertura para a promessa e a herança abraâmicas (Pitta, 1996, p. 230) retoma toda “a grande riqueza verterotestamentária” (Lémonon, 2008, p. 144; ainda Pitta, 1996, p. 223; Corsani, 1990, p. 237-238) e traz à luz caminhos de diálogo entre as tradições, colocando a riqueza nas origens comuns. Paulo indica que há uma nova realidade entre os batizados, venham de onde vierem: todos são filhos adotivos e herdeiros da mesma herança divina, não podendo haver distinção e separação. Esta nova realidade implica em novas e concretas relações entre os batizados, “a partir da união vital com Cristo” (Pérez Millos, 2013, p. 355). Esse é o “*topos* que Paulo adota para os diversos contextos” (Légasse, 2000, p. 272), do anúncio da Boa Nova de Cristo, buscando a unidade do corpo, em sua diversidade e pluralidade, “por meio da fé em Cristo Jesus” (Schlier, 1999, p. 200; Corsani, 1990, p. 236), sendo o único lugar em que Paulo fala da “fé em Cristo Jesus”, sendo que nos demais, ele fala da “fé de Cristo Jesus”, a exemplo de: Rm 3,22.26; Gl 2,16.20; Fl 1,27; 3,9; Ef 3,12; Cl 2,12; 1Ts 2,13; ou de “fé para Cristo Jesus”, como em Cl 2,5 (Schlier, 1999, p. 200; Bruce, 1982, p. 253-255).

Paulo não tem dúvidas em afirmar que entre os cristãos não pode mais haver distinções e diferenças no que diz respeito à filiação divina. Na Igreja, o Corpo de Cristo, não pode haver divisões, não obstante as “tensões” (Pohl, 1999, p. 135) que são próprias da vida comum e da riqueza da pluralidade. Paulo conclama a uma identidade comum (Gl 3,26), “em Cristo Jesus” (Gl 3,28) pelo batismo e pela fé, capaz de transcender a todas as diferenças (Gl 3,28), uma vez que “todos os batizados foram revestidos de Cristo Jesus” (COUSAR, 2003, p. 110).

Ef 4,1-6 e a universidade do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo

A opinião dos biblistas está dividida quanto à autoria paulina de Efésios, e talvez um maior número deles afirme que a carta não foi escrita por Paulo. Essa situação é um tanto irônica, já que outros biblistas avaliam Efésios como “a culminância” do pensamento paulino (e.g., Dodd e Robinson) (segundo Arnold, 2008, p. 423). Por outro lado, Kümmel (ainda segundo Arnold, 2008, p. 423) assevera que a teologia de Efésios impossibilita por completo a composição paulina da carta.³ De fato, a Carta aos Efésios é uma carta circular direcionada a toda Igreja; pelas similaridades com a Carta aos Colossenses, é reputada como uma das três deuteropaulinas (Gonzaga, 2017, 21-22), escrita por um mestre da “escola paulina” não para Éfeso, e sim de Éfeso, que se tornou um importante centro paulino. Quanto à datação, uma vez que não menciona explicitamente qualquer perseguição violenta, como a que atingiu a Ásia proconsular no final do reinado do imperador Domiciano (81-96 d.C.), provavelmente foi redigida nos anos 80 da era cristã (FABRIS, 1992, p. 138-140).

Efésios, também chamada de a “rainha das epístolas”, além de ser tida entre as deuteropaulinas (juntamente com Colossenses e 2 Tessalonicenses), faz parte do conjunto das quatro cartas denominadas da prisão/cárcere (Filipenses, Filemon, Efésios e Colossenses). É a única carta que se refere ao conceito de Igreja como universal e não como comunidade local, comum entre as paulinas, ou seja, as normas e os termos de Deus para Igreja de Éfeso seriam os mesmos que teriam que ser praticados em qualquer outra Igreja/comunidade, tanto no passado como nos dias atuais e em qualquer lugar do planeta, não tratando de situações ou de problemas locais e sim de temas universais (Gonzaga; Lacerda Filho, 2023, p. 15-16). Notabiliza-se por uma “eclesiologia cristológica”, tendo como tema a unidade em Cristo, escrita para uma Igreja formada por representantes das mais variadas origens, de um mundo fraturado que devia ser restaurado à unidade em Cristo - implicando a unidade de pessoa, família, igreja e raça. Assim, a restauração da unidade individual da vida de cada crente assegura a unidade do universo de Deus (Rode, 2006, p. 53-54).

³ Kümmel também observa que a “autoria paulina de Efésios só foi contestada no fim do século XVIII e início do XIX. Entretanto, foi a franca rejeição de autenticidade por F. C. Baur e seus seguidores que teve a maior influência no curso subsequente dos estudos. Antes disso, Efésios era universalmente reconhecida como paulina” (*apud* ARNOLD, 2008, p. 423).

Como encontrada em outras cartas paulinas, a estrutura de Efésios é dividida em duas partes principais: Ef 1-3, a parte teórica ou doutrinária, a “chamada da Igreja”; e Ef 4-6, a parte prática ou parenética que trata da conduta da Igreja. Esta segunda parte começa com o conjunto de Ef 4,1-16, uma parênese introduzida pela expressão “Παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς/*Rogo-vos, pois*” - e este estilo parenético é confirmado pelo uso participial dos verbos, em especial nos v.2-3 (Lincoln, 1990, p. 224; Rode, 2006, p. 54-55). Embora a palavra “igreja” não seja utilizada em Ef 4,1-16, a inteira passagem lida com sua vida, ordem e propósito. Na forma dos imperativos e dos enunciados confessionais, exegéticos, narrativos, escatológicos e polêmicos, a constituição da Igreja é descrita sob diversos aspectos. Neste conjunto, encontram-se duas subdivisões: na primeira (v.1-6), uma admoestação pela unidade da Igreja, enquanto na segunda (v.7-16), a diversidade de dons nessa unidade, num movimento similar ao de “sístole e diástole” do coração (Barth, 2008, p. 451; Pérez Millos, 2010, p. 252; Schnackenburg, 1991, p. 158).

A perícope de Ef 4,1-6 enfatiza a unidade - uma “realidade já existente e perfeita”. Além disso, esta unidade não é externa nem mecânica, porém interna e orgânica (Best, 2001, p. 414; Hendriksen, 1992, p. 214). Uma temática inédita, sem paralelos com o Antigo Testamento - uma passagem que, portanto, não se utiliza de qualquer tipo de citação, alusão ou eco deste (Gonzaga; Lacerda Filho, 2023, p. 19-20). Ela apresenta estrutura tríplice: após um preâmbulo (v.1), em que o autor se apresenta como “o preso” e introduz todas as exortações a seguir com o título “Andai como homens dignos da vossa vocação”, percebe-se duas seções - na primeira (v.2-3) os santos escolhidos são admoestados a viver humildemente, a suportar-se uns aos outros e a preservar a unidade, enquanto na segunda (v.4-6), o conteúdo e o fato da confissão da Igreja são chamados à mente para demonstrar como a unidade é essencial para o próprio ser e vida da Igreja (BARTH, 2008, p. 451). É um apelo para a conduta caracterizada pela harmonia (v.1-3), a qual proporciona os termos sobre os quais a Igreja está baseada (v.4-6), “materializando” sua unidade (LINCOLN, 1990, p. 224).

Em Ef 4,1, ao apresentar-se como “prisioneiro do Senhor”, mais do que evidenciar os sofrimentos pela causa do Evangelho através do epíteto

“prisioneiro” (já declarado anteriormente na carta, em Ef 3,1), coloca sua autoridade na declaração “do Senhor” - a Ele pertence, como toda Igreja deve pertencer (BEST, 2001, p. 418). Por isto, enquanto em Ef 3,1 utiliza-se a construção genitiva possessiva “de Cristo Jesus”, em Ef 4,1 utiliza-se a preposição ἐν (“em”) seguida do dativo, resultando na expressão “no Senhor”, reiterando a íntima união de Paulo com Cristo (HOCHNER, 2013, p. 559).

A cláusula παρακαλῶ é caracteristicamente paulina, expressando o apelo pastoral às ações e desejos de seus leitores, derivado do contexto do Evangelho (2Cor 5,20) (LINCOLN, 1990, p. 234). Esta exortação ecoa a compreensão judaica da divina eleição, evidenciando que a chamada cria um povo devotado às leis de Deus. Isso implica falar em nome de Deus e com o poder do Espírito. O tema em 2Cor 5,20 é o apelo evangelístico, mas com um tom de autoridade (Perkins, 1997, p. 95; Schmitz; Stählin, 2013, p. 133). Essa exortação do autor a fim de que as pequenas comunidades conservassem a unidade, mais do que pressupor uma desunião existente à época, busca evitar um dos princípios norteadores da cultura popular helenística: o individualismo, que originava um comportamento próprio e pouco comprometido com a comunidade e com a sociedade (Mazzarolo, 2013, p. 84-85). Dessa forma, há uma ênfase na dimensão comunitária, e não individual, uma Igreja indivisa como “patrimônio da fé” (Penna, 1988, p. 177).

Em Ef 4,2-3, as três virtudes aqui assinaladas foram tomadas da lista quántupla de Cl 3,12, que funcionavam num contexto de apelo pela paz e harmonia na comunidade mantendo a mesma ordem: *humildade*, *mansidão* e *longanimidade* (ou paciência). A estrutura da exortação em Ef 4 significa que essas virtudes estão agora subordinadas mais distintivamente ao tema da chamada aos leitores para serem um só corpo da Igreja, a uma unidade na pluralidade (Lincoln, 1990, p. 236; Schnackenburg, 1991, p. 163).

Ainda que não pretenda dar uma lista completa de qualidades que os crentes deveriam revelar em suas vidas, a lista de Efésios fornece uma ampla caracterização desta nova disposição e conduta. A primeira mencionada é a “ταπεινοφροσύνη/*humildade*”, que, no conceito grego original, possui um juízo negativo, posto exaltar a liberdade e desprezar a sujeição. Mas a Bíblia, como um todo, concede-lhe um significado positivo, pois a humanidade encontra-se

sob o controle de Deus e, assim, exalta o serviço obediente. Por isso, a *humildade* tem sido chamada a primeira, a segunda e a terceira essência da vida cristã (Grundmann, 2013, p. 545; Hendriksen, 1992, p. 216-217). A palavra ταπεινοφροσύνη não ocorre antes do período do NT. Aparece sete vezes no NT (At 20,19; Ef 4,2; Fl 2,3; Cl 2,18.23; 3,12; 1Pd 3,5). Em Fl 2,3, ela contrasta com “ἐριθεία/*interesse egoísta*” e “κενοδοξία/*vanglória*”; e em 1Pd 5,5, contrasta com os “ὑπερήφανοι/*orgulhosos*”. Transmite a ideia de “humildade de espírito” ou melhor ainda, de “humildade”. Como os seres humanos não consideram a humildade uma virtude, é compreensível que essa palavra não existisse antes da época do NT (HOCHNER, 2013, p. 561).

A segunda qualidade é a “πραΰτης/*mansidão*”. Ao contrário da humildade, é grandemente valorizada pelos gregos, desde que haja força compensatória. No AT, *praús* ocorre 12 vezes para vários termos hebraicos. Visto que o hebraico se refere primariamente à posição social de um servo ou inferior e, assim, contém uma nuance de humilde, nunca é usado para Deus. No Pentateuco, é usado somente em Nm 12,3 para Moisés (Hauck; Schulz, 2013, p. 296-297). Mas se o grande exemplo fornecido de mansidão no Antigo Testamento é o de Moisés, este é “sombra” e tipo do exemplo supremo dado por Jesus, no qual se cumpre a absoluta dimensão da condição de manso e humilde. Com base na identificação com Cristo, a mansidão há de ser a forma natural do caráter de cada fiel. Assim, a mansidão do cristão não se expressa por subserviência, “submissão servil”, mas antes pela comunhão com Cristo (Pérez Millos, 2010, p. 263-264).

A terceira qualidade, a “μακροθυμία/*paciência*”, pode também ser entendida como “longanimidade”, acompanhando bem de perto o equivalente hebraico אַרְךָ אַפַּיִם (Elliger; Rudolph, 1997), o qual pode ser traduzido como o “adiar da manifestação de sua ira”. A princípio, μακροθυμία significa “resignação” ou “aceitação forçada”. Em seguida, assume a nuance de paciência. Paciência, evidentemente, não é renúncia, mas adiamento com vistas ao arrependimento (Na 1,2). Diante disso, a μακροθυμία de Deus é um dom. A paciência de Deus compromete os cristãos a uma paciência semelhante (1Ts 5,14) que, como fruto do Espírito controlado pelo amor (Gl 5,22), resulta em mútua correção (Hochner, 2013, p. 584; Horst, 2013, p. 609-910).

As demandas de Ef 4,2 funcionam como uma cadeia formada por diversificados elos, de modo que tem toda a *humildade* e *mansidão*, pode ter *paciência* com os demais. Saber ter paciência é elemento indispensável para uma correta relação entre os irmãos, colaborando para sua unidade (Pérez Millos, 2010, p. 266). Assim, para o crente, a paciência é aquela perseverança cautelosa que não abandona a esperança, envolvendo a perseverança paciente enquanto aguarda a herança das promessas - assim como fez Abraão (Hb 6,12-15) (Hochner, 2013, p. 565). A menção da longanimidade é seguida pela da tolerância ou indulgência. O texto diz literalmente, combinando duas virtudes, “ἀνεχόμενοι ἀλλήλων ἐν ἀγάπῃ/*suportando uns aos outros em amor*” (Ef 4,2b). A pessoa que suporta a injúria tenta não dar atenção a ela. Mantém-se de cabeça erguida, como a derivação da palavra no original sugere; não se abala, porém, continua em posição ereta e firme (Hendriksen, 1992, p. 217).

Esta unidade não vem de sua própria deliberação, senão que resulta no v.3 tanto do esforço como da oração; do esforço, porquanto o autor diz: “σπουδάζοντες/*fazendo todo esforço*” (“mostrar diligência”, “dando de si o máximo”), para “τηρεῖν/*guardar*”, e fazendo-o constantemente (observe o participio presente, continuativo); e de oração, porquanto ele se refere a uma unidade “do Espírito” (expressa literalmente, porém que significa: concedida pelo Espírito); portanto, é o resultado de fervente oração (Lc 11,13). Quando há contenda, há desunião. Por outro lado, a paz promove a perpetuação da unidade. Portanto, conclui-se que isto deve ser alcançado “por meio do vínculo (“de”, isto é, consistindo em) a paz”. Esse vínculo ou laço que mantém os crentes unidos é a paz, assim como em Cl 3,14 é o amor. Isto não envolve nenhuma contradição, pois é precisamente o amor que faz a paz possível (Hendriksen, 1992, p. 218-219). O substantivo σύνδεσμος tem basicamente o sentido de “aquilo que une”, como a coesão de uma estrutura defensiva ou o fechamento de uma peça de roupa. Metaforicamente é utilizado para designar o vínculo que mantém unido um país, a saber, seus bons cidadãos, ou o vínculo entre pais e filhos. A palavra “paz” aparece oito vezes nessa epístola (Ef 1,2; 2,14-15.17[2x]; 4,3; 6,13.23), e se refere aqui à paz entre os crentes. Alguns têm interpretado “τῆς εἰρήνης/*da paz*” como um genitivo objetivo e propõem

que a unidade é preservada por aquilo que constitui o vínculo da paz, a saber, o amor (Hochner, 2013, p. 569-570).

Sobre a unidade do Espírito, dois importantes teólogos, em momentos históricos distintos, contribuíram para a temática. João Calvino (2010, p. 286), comentando Ef 4,3, afirma que embora considere a unidade do Espírito como aquela unidade espiritual que o Espírito de Deus efetua em nós, e que “fomenta em nós uma só mente”, interpreta a frase mais no sentido de “harmonia de mente” - e assim de muitos faz um só. Ele segue o exposto por seus predecessores, como: Anselmo, Tomás de Aquino e Ambrosiaster mediante a expressão *animorum concordia* (Abbot, 1985, p. 107; Best, 2001, p. 423). Não obstante a unidade aqui evidenciada envolva o Espírito Santo, não o espírito humano - como o v.4 deixa claro; e é uma referência não à generosidade de algum agrupamento social, mas à unidade que o Espírito de Deus concede, base para a existência mesmo da Igreja (Lincoln, 1990, p. 237; Hochner, 2013, p. 568-569). Por isso, segundo João Crisóstomo, o Espírito foi dado “para unir os que se diferenciam por geração e costumes. O velho e o jovem, o pobre e o rico, o menino e o adolescente, a mulher e o homem, todas estas almas se tornam um só. Esta afinidade causa maior união e unidade perfeita” (2010, p. 763).

A exortação para que os leitores vivam em amor e unidade (Ef 4,2-3) é seguida por uma descrição dessa unidade na seção dos vv.4-6. Nessa descrição, a unidade e todas aquelas características associadas a ela são consideradas, primeiramente, procedentes do Espírito, o qual estabeleceu sua morada nos corações dos crentes; daí se volta para o Senhor (Jesus Cristo), cujo sacrifício vicário fez possível o dom do Espírito; e, finalmente, dirige-se para Deus o Pai, aquele que outorgou seu Filho e que, juntamente com o Filho, foi também o Doador e quem envia o Espírito (Hendriksen, 1992, p. 219). Assim, a unidade da Igreja, já expressa no v.3 em termos da Unidade do Espírito, agora em Ef 4,4-6 é declarada mediante uma série de sete aclamações de união. Estes são organizados em dois grupos de três, mais uma aclamação conclusiva do único Deus com sua repetição quádrupla da palavra “tudo”. Tanto o número sete quanto o três possuem alto simbolismo no texto bíblico (Best, 2001, p. 416; Lincoln, 1990, p. 237).

O que foi dito até agora sobre a unidade é resumido em Ef 4,4-6 como sete características da unidade. Ao repetir a palavra “um” sete vezes, as sete características de ser um estão ligadas, divididas em três etapas, resultando em uma estrutura trinitária. A primeira tríade (um corpo, um Espírito, uma esperança) abrange o arco da eclesiologia à escatologia pneumatologicamente; a segunda tríade liga cristologicamente a confissão ao único Senhor com a única fé e o único batismo; a declaração final é uma confissão ao único Deus e Pai (Heckel, 2021, p. 571). Embora a ordem histórica da descrição trinitária nos credos seja “Pai, Filho, Espírito Santo”, a ordem encontrada em Efésios é Espírito, Senhor (referindo-se ao Filho) e Pai. Sem abordar uma “ordem de importância”, o objetivo é salientar a unidade proporcionada pelo Espírito (De Beer, 2020, p. 5).

Segundo Ef 4,4, quando Deus chama os crentes, ele os chama a uma esperança particular. Uma vez que seus leitores foram separados de Cristo e não tinham esperança real (Ef 2,12), agora eles podem ser descritos como aqueles que esperam em Cristo (Ef 1,12) e possuem uma esperança certa - porque repousa no chamado de Deus, na iniciativa de Deus (Ef 1,18) (Lincoln, 1990, p. 239). Embora o tema da vocação e da esperança já tenham sido previamente apresentados na carta, em Ef 1,18, somente aqui se assume uma conotação comunitária, caracterizando não só a vida dos crentes individuais, mas também a da comunidade como um todo (Romanello, 2003, p. 135). Para a Carta aos Efésios, não mais Israel, nem este mundo com suas alienações e divisões, mas a Igreja constitui a expressão da unidade da Igreja. Há um óbvio corolário a esta noção: quando a Igreja falha em manter e expressar unidade, ela radicalmente mina a credibilidade de sua convicção no único Deus (Lincoln, 1990, p. 241).

A segunda tríade vem em Ef 4,5: um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Este Senhor é “o Senhor Jesus Cristo”. Ele é nosso Senhor no sentido em que, havendo-nos comprado, agora somos seus (Hendriksen, 1992, p. 220). Chama a atenção nesta tríade a sequência no grego das formas masculina, feminina e neutra de εἷς, sem que se possa dizer tratar-se de um artifício estilístico deliberado, ou uma casualidade devido ao gênero do substantivo (Best, 2001, p. 427). Schnackenburg (1991, p. 166) levanta a hipótese de tratar-se de uma

aclamação litúrgica formando a conclusão de uma cerimônia batismal na comunidade cristã gentílica - e a sonoridade da mudança tríplice de gênero evocaria a fórmula trinitária batismal de Mt 28,19. Pode-se também conjecturar que o uso de εἷς em todas as três formas possíveis de gênero no grego possibilitaria enfatizar a necessidade da unidade em todas as suas formas, e para esta mesma unidade não se deve poupar esforços, confirmando o que já se disse supra, no v.3.

É uma só fé - não fé histórica, miraculosa ou temporal, porém confiança real e genuína -, por meio da qual abraçamos o único Senhor Jesus Cristo. É verdade que não podemos desmembrar o subjetivo do objetivo: quando alguém se rende a Cristo como seu Senhor, ao mesmo tempo também aceita o corpo de verdades referentes a ele. Todavia, isso não é o mesmo que dizer que o termo fé é aqui usado num duplo sentido (Hendriksen, 1992, p. 221).

O batismo aqui não se refere em si ao ritual - o qual, diga-se de passagem, tem apresentado nuances ao longo das diversas confissões eclesiais - mas metaforicamente ao batismo do crente na morte de Cristo, em referência à união do crente com Cristo em sua morte e ressurreição. Esta explicação se ajusta bem ao contexto, lembrando o que Paulo já expusera anteriormente do batismo, posto este ser a união com Cristo que ocorre por ocasião de sua conversão (Rm 6,2-5) (Hochner, 2013, p. 576), mas é igualmente união dos irmãos e irmãs entre si, eliminando as diferenças (Gl 3,27-28).

A perícopé de Ef 4,1-6, é concluída justamente no v.6, com a declaração magistral da unidade em torno de Deus, Pai de todos. Como afirma Orígenes (segundo Edwards), “de todos é Deus e Pai, porque para alguns ele é Deus, mas não Pai, e para outros ele é Deus e Pai. É como se, quando alguém mostrasse um número de dez homens, cinco dos quais eram filhos desse homem e cinco outros servos, dissesse: ‘Este é o senhor e pai dos dez’” (Edwards, 2018, p. 208).

Ainda mais impressionante em Efésios é a não menção da Eucaristia, a “Ceia do Senhor”. O “único corpo” é mencionado repetidamente (Ef 2,16; 4,4), mas nem o “único pão” (1Cor 10,17) nem a “participação no corpo de Cristo” (1Cor 10,16), e nem o conceito de comunhão (*koinonía*) são referidos. Isso tem suas razões na mudança da questão eclesiológica em jogo. Enquanto Paulo viu

a comunidade da Igreja em Corinto ameaçada por divisões (1Cor 1,10; 11,18) na ceia do Senhor (1Cor 11,23-32) e exortou os membros da comunidade a estarem unidos na mesma mente (1Cor 1,10), a Carta aos Efésios, uma geração depois, não está mais tratando da união da comunidade local, mas da questão do que une todos os cristãos que vivem espalhados por toda a terra habitada. Portanto, a mudança da comunhão na ceia do Senhor através da participação no único pão em 1Coríntios (10,16) para o único batismo em Efésios (4,5) pode ser explicada pela preocupação eclesiológica se deslocando do nível local para o universal. Os crentes do mundo não podem celebrar a ceia do Senhor juntos (fisicamente), mas podem ser lembrados de seu batismo comum (Heckel, 2021, p. 578-579) e viver a unidade querida pelo Senhor a partir do batismo, que une a todos indistintamente.

Considerações finais

Abraçar a fé em Cristo Jesus implica viver como filhos e filhas de Deus, buscando sempre a beleza da unidade na riqueza da diversidade. Neste sentido, Paulo, em suas cartas, é de singular sutileza em indicar vários pontos que são comuns na *sequella Christi*. Todos os batizados são revestidos de Cristo Jesus e chamados a viver a fé pessoal e comunitariamente, buscando sempre a unidade do corpo de Cristo, atraídos por Cristo Cabeça da Igreja, que é seu corpo.

Como indicado acima, o ecumenismo pode trabalhar a unidade na diversidade a partir de alguns pontos comuns que Paulo indica, a exemplo de Abraão como pai na fé, o Cristo como salvador, o batismo, a fé, a Ceia Eucarística etc., pontos teste que são realçados ao longo de seu epistolário. Entre suas cartas, como indicado na introdução deste artigo, destacamos duas perícopes paulinas, Gl 3,26-29 (*protopaulina*) e Ef 4,1-6 (*deuteropaulina*).

Gl 3,26-29 reveste-se de especial força ecumênica por vários pontos comuns: batismo e fé em Cristo Jesus (v.26-27), igualdade de todos os filhos e filhas de Deus (v.28a), filiação e herança abraâmica (v.28b-29), a paz, a reconciliação, a caridade etc. A tríade de duplas das questões de raça e fé (judeu e grego), social (escravo e livre) e de gênero (homem e mulher), oferece uma grande abertura para o diálogo que Paulo deseja como caminho de

construção para a comunhão de todos os cristãos. Mas, vai além e abre espaço, inclusive, para o diálogo inter-religioso. Neste sentido, Paulo ajudou e continua a ajudando o cristianismo a viver a unidade na pluralidade e a abrir-se cada vez mais ao diálogo. O caminho foi aberto e precisa ser seguido, para o bem do cristianismo, das demais religiões e da casa comum.

Ef 4,1-6, como um possível *ethos* de conduta entre igrejas e tradições teológicas, sugeriria cautela em como os crentes veriam e tratariam uns aos outros, mantendo posições teológicas diferentes (De Beer, 2020, p. 6-7). Felipe Melancton afirma, em sua Apologia da Confissão acerca do artigo VII (que se baseia em Ef 4,4-5), que somos uma única igreja constituída por “pessoas dispersas pelo globo terrestre inteiro”, que “concordam quanto ao Evangelho e têm o mesmo Cristo, o mesmo Espírito Santo”, “não importando se têm ou não as mesmas tradições humanas” (Apologia da Confissão, Artigos VII e VIII, LC 207).

Não obstante os diversos problemas institucionais, é possível ter “diferentes modelos de unidade visível”, uma “unidade em uma diversidade reconciliada” (Heckel, 2021, p. 576). Há unidade na Igreja e no Espírito Santo, e deve haver unidade no corpo local dos crentes (Hochner, 2013, p. 572). O único batismo - não em seu sentido litúrgico, sobre o qual pairam ainda diferenças mesmo dentro do cristianismo, e sim enquanto “imersão no Corpo de Cristo” - que demanda uma única fé e que nos faz sujeitos ao único Senhor, torna-se a base sobre a qual apoiam-se todos os esforços para se alcançar a unidade, ajudando a superar as dificuldades impostas pelos “muros de separação”, como as diferentes compreensões doutrinárias/dogmáticas, de interpretação de textos bíblicos, de estrutura de Igreja etc. (Schnackenburg, 1991, p. 169).

Referências

ABBOTT, T. K. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Ephesians and to the Colossians*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1985.

ARNOLD, C. E. Carta aos Efésios. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2a. Ed. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Edições Loyola, 2008, p. 422-434.

- BARNES, M. C. Dreams and Realities of Community: (Ephesians 4:1-6). *The Princeton Seminary Bulletin*, v. 34, p. 11-12, 2017.
- BARTH, M. *Ephesians: Introduction, Translation, And Commentary on Chapters 4-6*. New Haven; London: Yale University Press, 2008.
- BEST, E. *Efesini*. Brescia: Paideia Editrice, 2001.
- BOVER, J. M. La epístola a los Gálatas “Carta Magna de la libertad cristiana”. *Estudios Eclesiásticos* 5 (1926), p. 44-59, 183-194, 297-310, 362-372.
- BRANDENBURG, Y. (Org.). *Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 2ª. Edição. São Leopoldo; Porto alegre: Sinodal; Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2023.
- BRUCE, F. F. *Un comentario de la Epístola a los Gálatas*. Barcelona: CLIE, 1982.
- BURGOS NÚÑEZ, M. De, La Carta a los Gálatas, “Manifiesto del Cristianismo Paulino”, *Com* 34, 2001, p. 201-228.
- BUSCEMI, A. M., *Lettera ai Galati*. Jerusalem: Franciscan Printing Press, 2004.
- CALVINO, J. *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*. São José dos Campos: FIEL, 2010.
- CARDOSO, M. R. Paulo e o Ecumenismo. *Atualidade Teológica*, ano 13, n. 32, p. 242-265, 2009.
- CORSANI, B. *Lettera ai Galati*. Genova: Marietti, 1990.
- COUSAR, C. *Galati*. Torino: Claudiana, 2003.
- CRISÓSTOMO, J. *Comentário às Cartas de São Paulo/ 1: homilias sobre a Carta aos Romanos, comentários sobre a Carta aos Gálatas, homilias sobre a Carta aos Efésios*. São Paulo: Paulus, 2010.
- DE BEER, F. J. The Ecclesiastical Difficulty of Ephesians 4:1-6 in View of the Different Perspectives on the Baptism in the Holy Spirit and the Gifts of the Holy Spirit. *In die Skriflig*, v. 54, n. 1, p. 1-8, 2020.
- EDWARDS, J. et al. *Gálatas, Efésios, Filipenses*. La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Nuevo Testamento: 8. Madrid: Ciudad Nueva, 2018.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FABRIS, R. *As Cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FERREIRA, J. A. *Gálatas, A epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.

- FERREIRA, J. A. Apertura de fronteras, la universalidad del evangelio (Gal 3,26-28), *Ribla*, vol. 76, n.3, p. 97-114, 2017.
- GONZAGA, W. “A Verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a Autoridade na Igreja. Gl 2,1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias. História, balanço e novas perspectivas. Santo André: Academia Cristã, 2015.
- GONZAGA, W. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, 2017.
- GONZAGA, W. El Evangelio de la ternura y la solidaridad de Gal 4,8-20. *RIBLA*, vol. 76, n.3, p. 57-80, 2017.
- GONZAGA, W. A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. *ReBiblica*, v. 2, n. 3, p. 9-41, 2021.
- GONZAGA, W.; LACERDA FILHO, J. P. O uso do Antigo Testamento na Carta de Paulo aos Efésios. *Coletânea*, v. 22, n. 43, p. 13-48, 2023.
- GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7. In: GONZAGA, W. [et al.]. *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento*. Porto Alegre: Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023, p. 29-76.
- GRUNDMANN, W. *Tapeinós, Tapeinōō, Tapeínósis, Tapeinóphrōn, Tapeinophrosynē*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. (Orgs.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Cultura Cristã, 2013, v. 2. p. 543-547.
- GUTHRIE, D. *Gálatas*. Cidade Dutra: Mundo Cristão, 1988.
- HAUCK, F.; SCHULZ, S. *Praúś, Praúťēs*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. (Orgs.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Cultura Cristã, 2013, v. 2. p. 296-297.
- HECKEL, U. The Seven Marks of the Unity of the Church: Exegetical Impulses for an Ecumenical Theology of Unity According to Ephesians 4:1-6. *The Ecumenical Review*, v. 73, n. 4, p. 566-580, 2021.
- HENDRIKSEN, W. *Efésios e Filipenses*. 3a edição. São Paulo: Cultura Cristã, 1992.
- HOCHNER, H. W. *Efésios: comentário exegetico*. São Paulo: Vida Nova, 2023.
- HORST, J. *Makrothymía, Makrothyméō, Makrōthymos, Makrothýmōs*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. (Orgs.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Cultura Cristã, 2013, v. 1. p. 609-611.
- LAGRANGE, J.-M. *Saint Paul. Épître aux Galates*. Paris: Gabalda, 1926.
- LEGASSE, S. *L'Épître de Paul aux Galates*. Paris: Cerf, 2000.

- LÉMONON, J.-P. *L'Épître de Paul aux Galates*. Paris: Cerf, 2008.
- LINCOLN, A. T. *Ephesians*. Dallas: Word Incorporated, 1990.
- MARÍN, F. (Gal) Evangelio de la libertad, *EstE* 54, p. 43-68, 1979.
- MEYNET, R. *Lettera ai Galati*. Bologna: Dehoniane, 2012.
- MAZZAROLO, I. *Carta aos Efésios*. Cristo é a pedra angular. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2013.
- MUSSNER, F. *La Lettera ai Galati*. Brescia: Paideia, 1987.
- NESTLE-ALAND (eds.). *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- PASTOR RAMOS, F. *La libertad en la carta a los Gálatas*. Madrid: Eapsa, 1977.
- PENNA, R. *Lettera agli Efesini*. Bologna: EDB, 1988.
- PÉREZ MILLOS, S. *Efesios*. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Editorial Clie, 2010.
- PÉREZ MILLOS, S. *Gálatas*. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Barcelona: CLIE, 2013.
- PERKINS, P. *Ephesians*. Nashville: Abingdon Press, 1997.
- PITTA, A. *Lettera ai Galati*. Bologna: Dehoniane, 1996.
- POHL, A. *Carta aos Gálatas*. Curitiba: Esperança, 1999.
- QUENAM, A.G., La liberté chrétienne: l'enseignement de l'Apôtre dans ses lettres aux Galates et Romains, *ED* 34, p. 267-286, 1981.
- RAMAZZOTTI, B. "La libertà cristiana", Note di teologia del N.T., *RivB* 6, p. 51-82, 1958.
- RODE, D. J. Unidad y Crecimiento Eclesiológicos Causados por la Acción del Espíritu Santo Según Efesios 4:1-6. *Davar Logos*, v. 5, n. 1, p. 53-59, 2006.
- ROMANELLO, S. *Lettera agli Efesini*. Torino: Paoline, 2003.
- SCHLIER, H., *La carta a los Gálatas*. Marcelona: Sígueme, 1999.
- SCHMITZ, O.; STÄHLIN, G. *Parakaléō, Paráklēsis*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY, G. W. (Orgs.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Cultura Cristã, 2013, v. 2. p. 129-133.
- SCHNACKENBURG, R. *Ephesians: A Commentary*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1991.
- TENNEY, M. C. *Gálatas: Escritura da Liberdade Cristã*, São Paulo 1967.

VANHOYE, A. *Lettera ai Galati*. Milano: Paoline, 2000.

Trabalho submetido em 14/05/2024.

Aceito em 25/06/2024.

Waldecir Gonzaga

Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana. Possui Pós-Doutorado na FAJE/BH (2016-2017). Atualmente leciona como Professor do Quadro Principal no Departamento de Teologia da PUC-Rio, na Graduação e na Pós-Graduação, bem como junto ao Seminário São José (Rio de Janeiro). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5929-382X>. Email: waldecir@hotmail.com

Doaldo Ferreira Belem

Doutor e Mestre em Teologia Área Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor de Teologia da FIBE, participando em dois grupos de pesquisa credenciados junto ao CNPq: “Tradição e literatura bíblica” e “Análise Retórica Bíblica Semítica” ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1431-0125>. Email: doaldofb@uol.com.br